

Um problema a céu aberto

Saneamento básico e abastecimento de água potável são fundamentais para ajudar no combate à pandemia do novo coronavírus na Maré. **PÁGINAS 8 E 9**

Isolamento: como os produtores de Cultura têm atuado durante a pandemia

PÁGINAS 6 E 7

Atenção ao sair de casa: a pandemia do novo coronavírus ainda não acabou

PÁGINAS 12 E 13

Conexão Saúde: ações no território da Maré para combater a covid-19

PÁGINA 14

DOUGLAS LOPES



Vitória das favelas

Decisão judicial proíbe operações policiais nas favelas, próximas a escolas e hospitais, além do uso de helicópteros como plataforma de tiros, durante pandemias.

PÁGINA 3

Ruas esburacadas

Basta chover para que o esgoto e bolsões d'água causados pelos buracos nas ruas da Maré impeçam muitos moradores de sair de casa.

PÁGINA 10

ELIZÂNGELA LEITE



EDITORIAL

Embora no momento atual os casos sejam menores que os de maio, quando o estado apresentou o seu pico, de acordo com dados da Secretaria de Estado de Saúde, os números ainda são bastante expressivos e voltaram a crescer. É preciso lembrar que não são apenas números, mas pessoas, vizinhos, parentes, amigos.

Ao longo de um mês, o estado e a cidade do Rio apresentaram uma queda nos números de novos casos e mortes diárias. A partir da segunda quinzena de agosto os números voltaram a subir, chegando a triplicar. Se no dia 4 de agosto a cidade do Rio tinha 323 novos casos confirmados, duas semanas depois registrou 1.289 novas pessoas infectadas, de acordo com o painel da Prefeitura.

Desta forma, é preciso continuar atento/a ao sair na rua e permanecer com os cuidados de higiene necessários para não se contaminar: usar a máscara sempre que sair de casa ou precisar interagir com alguém que não more com você, lavar as mãos com água e sabão ao chegar nos ambientes, usar álcool em gel na rua, limpar objetos, não coçar olhos, nariz e boca na rua, entre outros.

Esta é a nossa primeira Edição impressa desde o início da quarentena. E após cinco meses produzindo apenas edições *on-line*, o nosso Jornal volta a circular nas ruas da Maré! Paramos, para proteger os distribuidores, a nossa equipe e a população da Maré, mas voltaremos tomando todos os cuidados necessários. É muito bom poder estar em circulação de novo. Assim, pedimos que você, leitor e leitora, nos envie sugestões de pauta para as nossas redes sociais. É muito importante abordar assuntos que moradores e moradoras da Maré querem ler! Não deixem de nos acompanhar no *Maré Online*, onde temos publicado a Ronda Coronavírus, com notícias sobre a Maré e o Rio de Janeiro. Nos vemos na próxima Edição!

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

 (21) 97271-9410

CHARGE - VANES



HUMOR

Um marido quis surpreender a esposa. Foi para a cozinha e ao fritar o bife passou do ponto, a casa ficou com muita fumaça. Meio sem graça, ele olhou para a esposa e disse: "Adoro fritura, pois lembro de seus 'óleos' castanhos".

Nma *live* de como cuidar das plantas surgiu uma pergunta: "Devemos conversar com as plantas ao molhar?"

A especialista responde: "Devemos conversar quando a planta é grande. Quando ela é pequena não devemos puxar assunto, pois elas ainda são 'mudinhas".

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!
contato@maredenoticias.com.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
Telefones: (21) 3105-5531 / 3104.3276
www.redesdamare.org.br
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

actionaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz
Helena Edir

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO:

Daniele Moura

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORA

Andressa Cabral

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)

Jéssica Pires

Flávia Veloso

Matheus Affonso

FOTÓGRAFO

Douglas Lopes

REVISORA

Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO

Mórlula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque Gráfico do O Globo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, pelas redes sociais (@maredenoticias) ou ainda por e-mail contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Pelo direito à vida nas favelas

STF suspende operações policiais durante pandemias e o uso do helicóptero como plataforma de tiro, além de restringir ações policiais próximas a escolas

JÉSSICA PIRES

No último dia 17 de agosto, segunda-feira, o Supremo Tribunal Federal (STF), em decisão unânime, aprovou a ADPF 635 (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental). Conhecida como *ADPF das Favelas*, a ação encaminhou pedidos ao STF que pretendiam, de maneira geral, reduzir a letalidade e as violações de direitos em operações policiais nas favelas do estado do Rio de Janeiro.

“O significado da construção coletiva da ADPF é o sinal de que união de forças é o único caminho possível para a defesa de direitos humanos”, afirma **Daniel Loyola**, defensor público e subcoordenador do Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.

Avanços

A decisão proíbe operações policiais durante pandemias; uso do helicóptero como plataforma de tiro; operações policiais próximas a escolas e uso das instituições de ensino como base operacional. Também foi decidida a preservação da cena de crime e proibida a remoção dos corpos, que o Ministério Público passe a investigar homicídios cometidos por policiais, priorizando casos de crianças, e que a redução de letalidade policial se torne indicador de qualidade para gratificação de policiais.

É importante destacar o que estes avanços representam para a luta pelo direito à vida nas favelas: das 34 mortes em operações policiais na Maré, em 2019, 62% ocorreram em operações com o uso de helicóptero, o que evidencia a capacidade letal deste instrumento. Além disso, 25 das 34 mortes tiveram a cena do crime desfeita, sendo quase impossível se estabelecer investigações,

DOUGLAS LOPES



Imagens como esta, de uma operação policial na Maré, em 2018, não poderão acontecer mais durante pandemias

conforme destaca o Boletim *Direito à Segurança Pública na Maré 2019*.

Para a pesquisadora do Eixo Segurança Pública e Acesso à Justiça, **Shyrlei Rosendo**, a conquista é muito importante para a Maré: “O avanço da ADPF está em reconhecer os moradores como sujeitos de direitos; que as favelas e periferias fazem parte da cidade e que somos tão cidadãos como os outros moradores do restante da cidade. Os sistemas de Justiça precisam cumprir seu papel junto aos moradores, sem distinção.”

As determinações passam a valer assim que o governo do Estado do Rio de Janeiro for notificado pelo STF. Diferentemente da decisão que suspendeu as operações policiais no Rio durante o período de distanciamento social, as medidas concedidas não estão associadas estritamente ao período da pandemia da covid-19.

“O Estado brasileiro tem uma dívida histórica com pessoas negras, pobres e periféricas do País. Os dados da violência institucional nesses territórios são incompatíveis com o Estado de Direito e a postura de diversos

agentes públicos contribuiu para que a situação chegasse a esse ponto. Não restou alternativa que não a mobilização e a busca do STF para fazer valer a Constituição e o direito à vida, um passo importante foi dado e a luta agora é pela efetividade da decisão”, informou ao Maré de Notícias **Gabriel Sampaio**, da ONG Conectas.

As organizações que construíram a ADPF seguem atentas e mobilizadas para que não haja retrocessos no

processo. Mas é importante que a sociedade esteja atenta a toda e qualquer violação de direitos. “O engajamento dos moradores e das organizações da sociedade civil é imprescindível. A ADPF é, talvez, a principal esperança, atualmente, de uma política de Segurança Pública que respeite os moradores de favelas como cidadãos e mercedores de proteção estatal igualitária”, reforça o defensor do Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria.

A pandemia escancarou a negligência na garantia do direito à vida

De 13 de março até o momento - período de quarentena e de diminuição de pessoas nas ruas - 647 pessoas foram baleadas (332 mortas e 315 feridas).

Entre elas:

51 
AGENTES DE SEGURANÇA

7 
CRIANÇAS (com idade inferior a 12 anos)

9 
ADOLESCENTES (entre 12 anos e 18 anos incompletos)

14 
IDOSOS (com idades a partir de 60 anos)

27 
MULHERES

Brechós da Maré movimentam economia local

Jovens brecholeiras falam da importância de se valorizar empreendedores favelados

FLÁVIA VELOSO

Resignificado pelo gosto popular, hoje os brechós e bazares são sinônimos de estilo e autenticidade. Com peças de todos os tipos, épocas e tamanhos, as possibilidades de se montar visuais únicos refletem, na roupa, traços de personalidade e criatividade. Afinal, vestir-se bem não é só usar o que se vê nas vitrines dos *shoppings*, mas o que te faz sentir bem consigo e com o seu bolso.

Comprar roupas em lojas “de marca” ou departamento não é acessível ao bolso de muitos moradores de favela e periferias: uma peça que custa R\$100, pode estar fora do orçamento, mas o costume de consumir somente peças novas fala mais alto e, muitas vezes, é o bolso que sofre. A renda mensal, por pessoa, das favelas cariocas não chega a R\$1.000, segundo levantamento feito pelo Censo 2010, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

Certamente, você já cruzou com algum bazar ou brechó na Maré, em lojas, barracas e até em igrejas. Estes locais, assim como outros empreendimentos, são importantes - economicamente - para o sustento de famílias e projetos sociais. Por mais que se pareçam, os espaços têm as suas diferenças. Os bazares, geralmente, recebem doações de itens diversos e vendem a preços muito baratos. A renda costuma ser destinada a projetos e causas sociais. É característico, também, que as peças e acessórios fiquem misturados. Já nos

DOUGLAS LOPES



Julie Oliveira, Stefany Silva e Creusa Maria enxergam nos brechós a possibilidade de movimentar dinheiro dentro da Maré

brechós, as roupas são compradas e revendidas. As peças costumam ser lavadas e organizadas - algumas passam por customizações - e custam bem mais barato que nas lojas convencionais.

Enfrentando a pandemia

Com a chegada do novo coronavírus e a necessidade do fechamento dos serviços não essenciais, os comerciantes de favelas viram seus empreendimentos ameaçados pela perda do poder de compra dos moradores. A pandemia causou impacto direto na economia: a renda da população de favelas está reduzida em 70% desde que a covid-19 chegou ao Brasil, como indica uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva e o Data Favela.

E o poder de compra do favelado movimenta muito dinheiro. Por ano, quase R\$120 bilhões saem dos bolsos de quem mora nas favelas. É um potencial de

consumo que, se aplicado ao comércio local, poderia estimular o desenvolvimento econômico e social destes territórios.

Para **Stefany Silva**, moradora do Rubens Vaz e fundadora do brechó *Jeans Ancestral*, a valorização do fluxo de dinheiro dentro do território está mais evidente neste momento e fortalece a cadeia de compras sustentável dos brechós e bazares, contribuindo para manter a renda dos microempreendedores.

“A forma que as pessoas podem ajudar no meu trabalho é comprando, que é a forma mais transparente, porque a venda gera capital de giro e lucro. Com o capital, posso comprar dos brechós de outras mulheres, e o lucro me permite investir em cursos e equipamentos, para melhorar meu negócio”, destaca Stefany.

A pequena empresária vinha preparando o *Jeans Ancestral*, desde 2019, para inaugurar em abril de

2020, e se viu preocupada com o lançamento do seu negócio: “Eu investi em equipamentos, como araras e biombos, para eventos físicos, mas veio a pandemia. De início, fiquei preocupada com quem trabalha de forma autônoma, principalmente porque vivenciei isso na minha casa - meu padastro é autônomo e minha

ACERVO PESSOAL



Stefany Silva, dona do Brechó *Jeans Ancestral*

mãe está desempregada -, mas uma das coisas que me fizeram pensar em não adiar o lançamento do brechó foi o cuidado com o outro. Percebi o quanto entregar algo para alguém é tão importante na minha trajetória. Uma embalagem, para uma pessoa que não está num bom momento, com aquele cheirinho de alecrim que lembra o quintal da minha avó, com escritas minhas, que me lembram minhas ancestrais, me fez ver que valia a pena”, contou Stefany.

As incertezas trazidas pela pandemia interromperam, por algum tempo, as vendas de outro empreendimento on-line, o *Brechó Fresh*, da moradora do Rubens Vaz, **Creusa Maria**. Desde 2019 no mercado, com peças customizadas pelas mãos da própria dona, a necessidade de voltar aos negócios se fez mais forte que o medo de se contaminar, quando Creusa viu as contas da casa começarem a “apertar”.

Novos desafios, novas estratégias

As meninas tiveram de

contar com a criatividade para manter os negócios. Isso porque o envolvimento afetivo com os clientes é um ponto muito importante para as duas marcas, o que impediu as entregas feitas diretamente aos compradores.

Creusa diz que o maior desafio, para ela, são as entregas, pelo medo de expor sua saúde: “Acredito que o maior desafio seja este, as entregas. Pois, mesmo com todos os cuidados, nós ainda estamos na rua e em local público, entregando. Querendo ou não, causa preocupação. Quando decidimos voltar, a ideia inicial era realizar as entregas por *bike*, com uma empresa terceirizada. O cliente pagaria o frete e eles entregariam na casa da pessoa, mas a empresa não entra na favela e precisaríamos de um local fixo para o ciclista pegar os pacotes, e ainda não conseguimos fazer isso, é um plano futuro”, contou.

“O de boca em boca é a melhor divulgação que existe. Valorizar nossa arte, porque as blusas que pintamos leva tempo e também anos de estudo por trás, mas nós sempre

pensamos em tornar acessível a todas e todos, porque a grande maioria do nosso público é morador de favela e periferia, como nós”, observa Creusa.

Aproveitando a oportunidade de demandas para lugares fora da Maré e até do estado do Rio, Creusa lançou o *site* do *Brechó Fresh* (www.brechofresh.com.br), onde os clientes de todos os gêneros podem conferir as peças, tirar dúvidas pelo *link* de WhatsApp do brechó, calcular o frete, pedir customizações e comprar, com facilidade.

Inaugurando um brechó em tempos de covid-19, Stefany Silva também buscou estratégias para agradecer seus compradores e compradoras. A mareense sempre oferece descontos ou agrados, e explica que isso vai além do lucro: “Quando a pessoa leva mais de duas peças, geralmente dou um desconto ou dou uma peça que compro de um brechó da Maré, isso ajuda o empreendedor local e é uma forma de presentear o cliente do *Jeans Ancestral*”.

Para incentivar esta forma de comprar, é necessário também acabar com o preconceito que se tem sobre “energia” das peças. Stefany Silva e Julie Oliveira são as idealizadoras do *Brechó In Favela, on-line*, e tentam reverter esse preconceito, conectando cliente e peça, por meio de histórias: “Contamos a história daquela roupa, os processos pelos quais ela passa. Isso gera empatia. Pode ser só uma blusinha, mas a história por trás gera interesse”, explicou **Julie Oliveira**, que mora na Nova Holanda.

“Acredito que, neste momento, é extremamente necessário apoiar todas



As atividades do *In Favela* estão suspensas no momento, mas a pausa nada tem a ver com o novo coronavírus. Suas criadoras estão empenhadas em estudos, pesquisas e autoconhecimento, para que o brechó volte à ativa com roupas cheias de personalidade e identidade.

As atividades do *In Favela* estão suspensas no momento, mas a pausa nada tem a ver com o novo coronavírus. Suas criadoras estão empenhadas em estudos, pesquisas e autoconhecimento, para que o brechó volte à ativa com roupas cheias de personalidade e identidade.

Divulgue e apoie!



No Instagram:

Siga a Creusa Maria e o *Brechó Fresh*:
@amar.amaria
@brechofresh_

Siga a Julie Oliveira e o *Brechó In Favela*:
@julieoliveirah
@brecho_in_favela

Siga a Stefany Silva e o *Jeans Ancestral*:
@steffs.silva
@jeans.ancestral

Siga Brecholeiras RJ:
@brecholeiras.rj



Peças do *Brechó Fresh* estão disponíveis no Instagram e no *site* da loja

Cultura é resistência social

Projetos e produtores culturais redirecionaram suas forças para criar conteúdos *online* e ajudar a diminuir os impactos da pandemia, mesmo sem o apoio do Estado



DOUGLAS LOPES

Palco de apresentações, o Centro de Artes da Maré tornou-se um dos pólos da Campanha Maré Diz NÃO ao Coronavírus

FLÁVIA VELOSO

O ano de 2020 tem sido um pesadelo vivo para todo o Mundo. No Brasil, a taxa de desemprego atingiu 13,3% da população, no segundo trimestre de 2020 - o terceiro pior número já registrado no histórico de pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Fora dos números oficiais ainda estão aqueles que trabalham informalmente, sem carteira assinada, como diaristas, pedreiros, comerciantes e muitas outras categorias, inclusive a dos trabalhadores da Cultura.

Dito como um dos primeiros setores a parar e um dos últimos a ser retomado, a realidade dos produtores culturais não tem sido de paralisação. Com as atividades presenciais suspensas, a forma de se consumir Cultura migrou para os meios virtuais. Segundo dados do YouTube informados à Revista Exame, a procura por conteúdos

ao vivo cresceu 4.900%, durante o período de isolamento social.

Artistas locais e independentes encontraram nas *lives* e em plataformas, como Instagram, Facebook e YouTube, uma maneira de continuar produzindo e, principalmente, manter contato com o público. É o caso do ator, palhaço, músico, escritor e poeta **Jujuba Cantador**. Com todas as suas atividades presenciais paralisadas desde o início da pandemia, Jujuba tem feito *lives*, semanalmente, em suas redes sociais. Mas ter visualizações não é sinônimo de ganhar dinheiro.

“Quem faz Cultura não é quem está na grande mídia, mas o cara que está na esquina, na favela, no interior, batucando pandeiro, tocando cavaquinho, dançando no baile (...). Estes são os verdadeiros fazedores de Cultura.”

JUJUBA CANTADOR
Artista

Fazer Cultura dá trabalho - e trabalho tem de ser pago

A renda de 88,6% dos trabalhadores diminuiu durante a pandemia, devido à suspensão e cancelamento de contratos, diminuição de jornadas de trabalho e demissões, como informa pesquisa realizada pela Funda-

ção Getúlio Vargas (FGV), que analisou efeitos da crise causada pela covid-19.

Nem quem tinha dinheiro certo para receber do Estado, recebeu. A Lei Municipal de Incentivo à Cultura carioca, conhecida também como Lei do ISS, seleciona - anualmente - centenas de produtores e projetos culturais para serem financiados, mas muitos pagamentos estão atrasados, em 2020.

De acordo com Jujuba Cantador, que faz parte da mobilização SOS Cultura Carioca e ainda não recebeu a verba para seu projeto inscrito, 40% dos aprovados não receberam um centavo sequer da quantia até o fechamento dessa matéria, enquanto outros ainda não receberam integralmente o valor prometido.

O SOS Cultura Carioca é um movimento que nasceu a partir das demandas dos espaços de Cultura e artistas em relação à pandemia. Ele tem como objetivo garantir o pagamento de editais já aprovados pela Prefeitura, manutenção de contratos em vigor entre organizações da sociedade civil e a Prefeitura, e medidas que auxiliem na renda dos trabalhadores do setor.

Uma Lei para todos, mas que pode não chegar a todos

Outra medida tomada, desta vez para todo o País, é a Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc - em homenagem ao escritor e compo-

Como é feito o repasse do ISS?

Empresas que pagam Imposto Sobre Serviço de Qualquer Natureza (ISSQN) podem se cadastrar a cada ano, como contribuinte da Lei de Incentivo, e escolher um projeto cultural para apoiar. Ao recolher os impostos das empresas cadastradas, a Prefeitura do Rio de Janeiro repassa 1% (que já foi 0,35%) aos projetos aprovados para que recebam a verba. É a maior Lei de Incentivo à Cultura em âmbito municipal, do País.



DOUGLAS LOPES

Diante da pandemia, a Lona da Maré foi um dos espaços que precisou migrar as suas atividades para on-line

ator Aldir Blanc, autor da canção “O bêbado e a equilibrista”, que morreu de covid-19, em maio, aos 73 anos de idade. A Lei pretende repassar R\$3 bilhões de reais a estados e municípios, distribuídos em renda mensal de R\$600 reais por, pelo menos, três meses, a trabalhadores da economia criativa, subsídio mensal para espaços culturais, ao menos 20% do total para ações de incentivo (como editais, chamadas públicas, prêmios e outros) e linhas de crédito com condições especiais para pagamento.

Na cidade do Rio, o cadastro para pessoa física e espaços ficou disponível entre 29 de junho e 31 de agosto. Durante o mês de agosto, a Prefeitura realizou fóruns com profissionais e moradores da Zona Oeste, Zona Norte, Zona Sul e Centro, para dialogar sobre a aplicação da Lei no município. Ainda não há informações sobre como e a partir de quando os recursos serão liberados.

Outros pontos da Lei Aldir Blanc que estão gerando reclamações são a obrigatoriedade de os equipamentos culturais prestarem contas, mensalmente, de como o dinheiro foi gasto em prol da produção artística e a preocupação se o subsídio chegará a quem mais precisa (artistas e técnicos periféricos e de regiões do interior).

Espaços Culturais na Pandemia

Durante a pandemia, muitos espaços estão sendo usados para ações de combate ao novo coronavírus, o que dificulta a produção de conteúdo artístico. É o caso do Centro de Artes da Maré (CAM), equipamento de Cultura que funciona na Nova Holanda. O CAM, que até poucos meses atrás, era palco de projetos artísticos, passou a abrigar cestas básicas e virou uma das referências de enfrentamento à pandemia na Maré.

Para **Junior Perim**, fundador do Circo Crescer e Viver – que tem direcionado suas forças para o combate à covid-19, assim como o Centro de Artes da Maré – e ex-secretário de Cultura do município do Rio, todo o setor cultural, periférico ou não, deveria ter sido direcionado para mitigar os impactos da pandemia. “Como cidadão, eu esperava mais de instituições culturais, mais do que reclamar a proteção da sua existência. O que precisa ser protegido num momento como este é aquilo que tem vitalidade, gera emprego e coloca sua infraestrutura à disposição de mitigar os impactos da pandemia”, observa.

O ex-secretário ainda cita como exemplo a experiência da favela da Maré. “[Os produtores e espaços

de Cultura da Maré], por exemplo, pegaram seu capital social, capital simbólico, e se lançaram à tarefa de diminuir os impactos da pandemia sobre a população que vive no território onde atuam. O centro do Rio está tomado por populações de rua, pessoas em vulnerabilidade social, e é o lugar onde há mais equipamentos de Cultura na cidade. O que esses locais fizeram? O setor se colocou em uma luta corporativa para si mesmo. A Cultura não vem estabelecendo uma força no imaginário popular, não vem se colocando importante para a população brasileira. Se ela não for importante para a população, dependendo da orientação ideológica dos governos vigentes, eles não vão olhar para o setor”, completou.

Jujuba também destaca a falta do olhar do Estado sobre a Cultura popular, que pode acabar de fora dos investimentos da Lei Aldir Blanc: “O problema dos governantes em relação à Cultura é exatamente como eles a enxergam e administram os mecanismos que possam favorecer o enriquecimento e reconhecimento da importância que a Cultura tem no nosso País. Quem faz Cultura não é quem está na grande mídia, mas o cara que está na esquina, na favela, no interior, batucando pandeiro, tocando cavaquinho, dançando no baile, fazendo capoeira, dançando maracatu, dançando ciranda... Estes são os verdadeiros fazedores de Cultura.”

Na contramão da falta de investimentos públicos, procurando dar suporte às artes e aos artistas periféricos, vieram iniciativas como a “Chamada pública: novas formas de fazer arte, cultura e comunicação nas favelas”, da Redes da Maré, que dará bolsas para projetos artísticos e de comunicação favelados, e o Programa de Incentivo à Cultura, do Instituto Moreira Salles, voltado para trabalhos artísticos diversos, procurando atender a demandas como diversidade de raça, gênero, regionalidade, contexto social e cultural.

A pandemia expõe a precariedade do saneamento básico

Apenas 46% do volume gerado de esgoto no País é tratado e a situação se agrava nas favelas e periferias brasileiras

DANI MOURA

O saneamento básico é um direito garantido na Constituição e pela Lei 11.445/07, mas são poucas as cidades brasileiras que o possuem. Em números, apenas 46% do esgoto gerado no Brasil são tratados. O “País do samba e do futebol” despeja por dia, na natureza, 5.717 piscinas olímpicas de esgoto sem tratamento. Por ano, são mais de 2 milhões de piscinas, segundo dados do Instituto Trata Brasil.

Definido como conjunto de serviços como abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana, drenagem urbana, manejos de resíduos sólidos e de águas pluviais, o mais comum é que o saneamento seja visto como apenas os serviços de acesso à água potável, à coleta e ao tratamento dos esgotos. As tais obras, que os políticos brasileiros têm dificuldade de fazer porque ninguém vê e por isso não dá votos – a maioria das obras de saneamento básico são construídas embaixo da terra – trazem consequências sérias ao bolso do Estado.

São inúmeras as doenças causadas por falta de um sistema de esgoto que trate os dejetos, como diarreia, que “desaguam” no Sistema Único de Saúde. Só nos primeiros meses de 2020, o Brasil registrou 40 mil internações por causa da falta de saneamento, custando ao Estado brasileiro cerca de R\$ 16 milhões, segundo um estudo da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (ABES). Em período de pandemia, onde os leitos hospitalares são considerados ouro, as internações ocuparam, em média, 4,2% dos leitos do SUS no período, por cerca de três dias. Dos 16 milhões que os cofres públicos tiveram de desembolsar, quase a metade (46%) foi despendida apenas no Norte, Região que, historicamente, apresenta graves falhas e os piores índices de saneamento básico do País.

Os mais pobres são os que mais sofrem

Mas não é só na Região Norte do País que o problema acontece. Nas grandes cidades, a situação também é grave. Segundo o levantamento realizado pelo Instituto Trata Brasil (2016), cerca de 90% do esgoto das áreas ditas irregulares localizadas nas 100 maiores



Sistema de abastecimento de água e o saneamento básico da Maré não suprem as demandas das 16 favelas cidades do País não são tratados nem coletados. As cidades do Rio, São João de Meriti, Belford Roxo e Nova Iguaçu estão entre os municípios brasileiros com o pior cenário.

Infelizmente, as áreas mais pobres são as que mais sofrem. Nas 100 maiores cidades do Brasil, as áreas ditas “irregulares” – favelas e periferias – não possuem sequer garantia de regularização. O que vemos é que água não é tratada, o lixo não é recolhido, há ligações clandestinas que contaminam a água, e o esgoto permanece a céu aberto em frente às casas, permitindo o contato direto de crianças, adultos e animais, o que causa severas implicações para a saúde.

Saneamento básico e covid-19

A covid-19 já mata mais na periferia do que nas áreas centrais no município do Rio de Janeiro, como informa o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Nas favelas e espaços populares da cidade, que abrigam mais de 1,5 milhão de habitantes, o abastecimento de água e o saneamento básico são outra dimensão da desigualdade estrutural que a pandemia expõe de maneira ainda mais evidente. A sonegação do direito à infraestrutura básica em determinados territórios prejudica o

cumprimento das medidas de higiene pessoal e de ambientes e impõe dificuldades para o isolamento social nas camadas mais pobres da população.

Dois pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (USP) correlacionam saneamento básico precário e alto número de casos e óbitos por covid-19 no Brasil. A hipótese do estudo baseia-se em artigos internacionais que detectaram a presença do coronavírus nas fezes dos seres humanos, mesmo no caso de pessoas assintomáticas e curadas. Isso pode explicar o alto número de casos em algumas regiões do País onde a população convive com esgoto ou água sem tratamento adequado.

O estudo da USP constata que, em 2018, o Brasil registrou 233.880 internações e 2.180 óbitos por doenças causadas em função do contato com esgotos. “Essa falta de saneamento básico tanto amplifica o número de pessoas infectadas quanto a gravidade dos casos. Acho que têm os dois elementos juntos. [...] O horizontal é esse espalhamento espacial, esse aumento do número de casos, e o vertical é a gravidade da doença em pessoas que estão numa condição ambiental inadequada e vulnerável”, dizem os autores do estudo.

Outro fator que evidencia o alto número de covid-19 nas favelas e periferias é o acesso precário à água, para o simples fato de lavar as mãos com água e sabão a fim de prevenir a doença. Como fazer isso em espaços onde a população não tem acesso adequado à água para cumprir medidas simples de prevenção ao novo coronavírus? A pandemia só comprova o quanto o Estado também viola um direito fundamental para a população mais pobre, de acesso à água, entre tantas violações de direitos humanos nestes espaços.

Saneamento básico na Maré

O Censo Maré (2013) mostrou que 151 casas da Maré não dispunham de abastecimento canalizado de água. Entretanto, apesar de 98,3% das residências terem acesso à água, 417 só possuíam canalização na parte externa da casa. O panorama mais crítico foi verificado no Parque Rubens Vaz e no Parque União, onde foram identificados, respectivamente, 4,0% e 2,2% dos domicílios sem água ou com acesso somente na parte externa. Vale assinalar que o acesso não significa, por si só, que a água recebida seja de boa qualidade, pois há limites entre as famílias mais pobres em relação à garantia das condições sanitárias adequadas ao consumo.

Em abril de 2019, no “Encontro sobre Saneamento Básico da Maré”, foi produzida uma *Carta para o Sanea-*

BOLETIM DE OLHO NO CORONA!

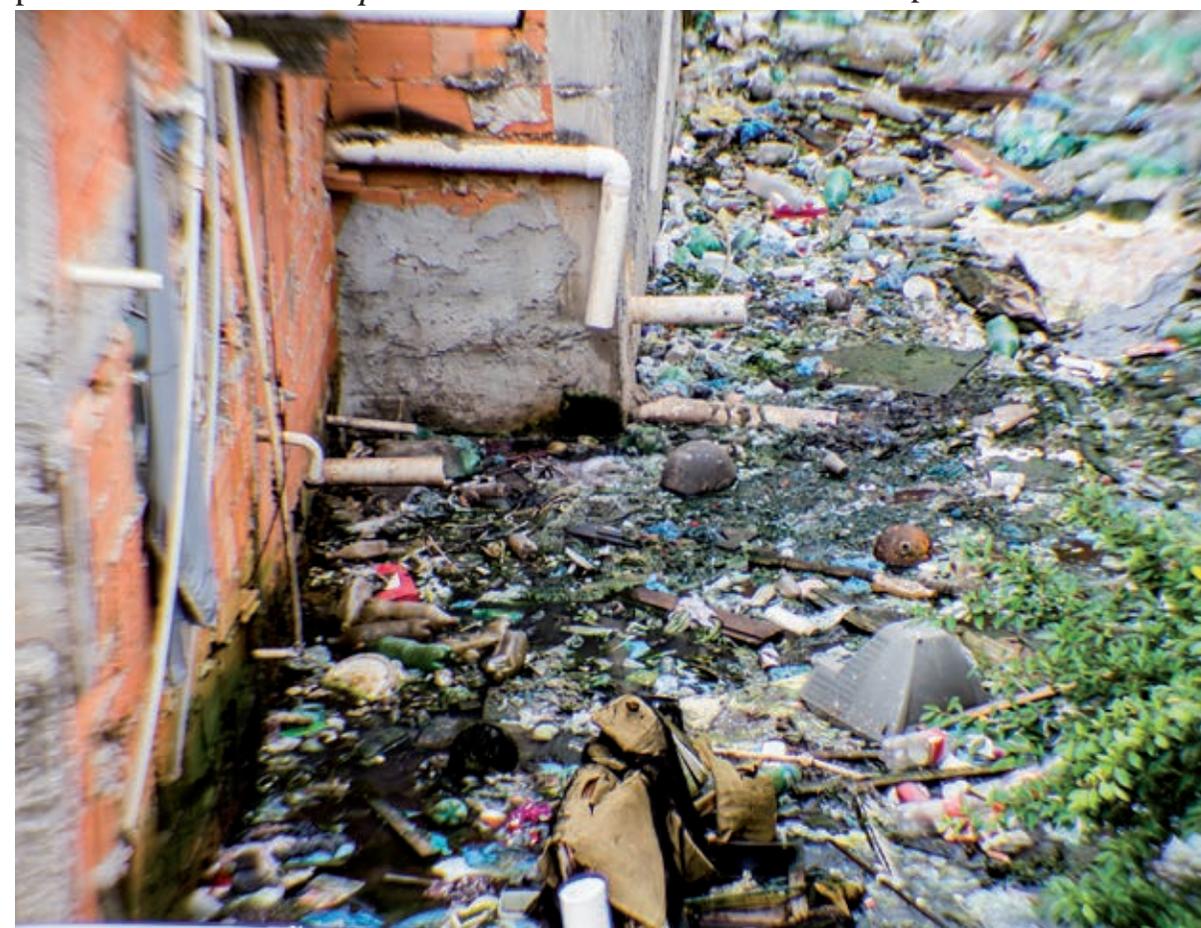


Enquanto a população do País aumentou ao longo de 20 anos, o acesso à água potável diminuiu

mento Básico na Maré, com as principais demandas do conjunto das 16 favelas e, nela, está a questão do abastecimento de água. Segundo a Carta, “moradores passam dias sem água em casa, instituições como escolas e Clínicas da Família sofrem com a falta de abastecimento que, muitas vezes, é minimizada por iniciativas autônomas de moradores, como a instalação de bombas hidráulicas. A Maré tem um sistema público de encanamento da década de 1960 que não supre a demanda atual. Além disso, o sistema de abastecimento vigente não supre o crescimento urbano. É necessária a implantação de um novo sistema que contemple as atuais demandas e que leve em conta a expansão do bairro.”

A 16ª edição do Boletim *De Olho no Corona!* mostra que o problema do saneamento básico nas regiões de favelas e periferias dificulta a adoção de medidas de prevenção emergencial à covid-19, aumentando os riscos de contaminação. O Boletim também apresenta os números do *data_labe*, laboratório de dados e narrativas da Maré, que desenvolveu um projeto de monitoramento sobre saneamento básico chamado *CocôZap*, em que recebe fotos e vídeos dos moradores por WhatsApp. Nas duas fases do projeto, eles receberam 42 queixas sobre serviços de saneamento nas 16 favelas da Maré. Os moradores da Nova Holanda foram os que mais utilizaram esse canal de reclamações, seguido da Baixa do Sapateiro. Dentre as principais reclamações estavam questões relativas ao lixo, seguidas do escoamento pluvial e dos vazamentos de água, e do esgoto a céu aberto.

Historicamente, favelas e periferias vêm sofrendo com a precariedade dos serviços, sobretudo porque o Estado pouco investiu para garantir o saneamento básico como direito fundamental. Apesar de o Brasil ser signatário dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, quando se comprometeu, em 2015, a universalizar o saneamento básico no País para todos os brasileiros até 2030, e pelo Plano Nacional de Saneamento Básico (PLANSAB) em que este compromisso precisa ser cumprido até 2033, estamos muito longe de atingir tais objetivos. E o pior é que o problema atinge todos.



ELIZANGELA LEITE

Favelas e periferias sofrem com o serviço de saneamento, que não avançou junto ao crescimento populacional

Depois da chuva vem o buraco

Moradores reclamam constantemente de alagamentos e de ruas esburacadas



DOUGLAS LOPES

A formação de bolsões d'água, alagamentos e dificuldade de circular nas ruas após chuvas fazem parte do cotidiano do morador

HÉLIO EUCLIDES

Há 50 anos, o homem chegava à Lua e constatou que a superfície lunar é composta por crateras. Mas para moradores da Maré, não é preciso olhar para o céu, à noite, para ver buracos. Andando pela favela é fácil encontrar ruas com um, dois ou até mais buracos. Para os moradores, os motivos são a ausência de escoamento rápido da água da chuva e a falta de manutenção.

Os presidentes das associações de moradores se sentem esquecidos pela Secretaria Municipal de Conservação e Meio Ambiente (SECONSERMA). “A favela está cheia de buracos no asfalto. O problema é que a demora de um ano sem asfalto só faz aumentar as crateras”, conta **Cláudia Lúcia**, presidente da Associação de Moradores do Parque Ecológico, que reclama principalmente da estru-

tura da Via C/4.

Na ponte que fica na Rua Tancredo Neves há um grande buraco. Para evitar acidentes, moradores improvisaram advertências. “Coloquei um galho e tábuas para ninguém se machucar. É necessária uma manutenção rápida, que não acontece”, lembra **André Luiz**, morador da Baixa do Sapateiro. Para **João Bergher**, morador do Salsa e Merengue, é preciso realizar um conjunto de ações, além do recapeamento das ruas. “A gente deseja uma melhoria na coleta de lixo, que os buracos das ruas sejam tapados e que haja saneamento básico”, comentou.

Um rio em plena rua

Muitos buracos da favela são causados pelas inundações. Na Vila dos Pinheiros, em frente ao Ciep Ministro Gustavo Campanema, a Via A/1 já ficou

diversas vezes com grande bolsões de água. A vias B/3 e B/4 também sofrem com alagamentos. “Essas lagoas após a chuva são uma pouca-vergonha, sofremos com o acesso, lodo e água podre”, comenta **Tainara Cabral**, moradora da Vila dos Pinheiros. **Renata da Silva**, moradora da Vila dos Pinheiros tem de driblar a água. “Isso é horrível, chega a ser nojento. É preciso melhorar a Maré”, aconselha.

Parte de Marcílio Dias também sofre com os mesmos problemas. **Ana Cunha**, presidente da associação de moradores, reclama dos buracos nas ruas. O local também padece com alagamentos na área mais pobre, com moradores chegando a perder móveis. No Parque Maré, moradores reclamam que ruas mais baixas ficam alagadas. “Quando chove é um desespero. O esgoto vive entupido e a drenagem das chuvas é ruim. Na Rua Nova e becos, as casas têm proteção na porta para evitar a inundação e perda de móveis”, observa **Severina de Souza**.

Fabiana Silva Jorge é moradora do Parque União há mais de um ano e, assim como outros moradores, relatou que basta chover para ficar inviável sair de casa. “O beco onde moro vira um rio de esgoto. E a gente tem de pôr o pé, porque precisa sair de casa para trabalhar e levar os filhos para a escola”, observou. A moradora alerta que problemas de esgoto entupido são constantes onde ela mora.



DOUGLAS LOPES

Galhos, caixotes e cones são alguns objetos usados para indicar buracos nas ruas

Os números da covid-19 em Marcílio Dias

Localidade tem seus casos contabilizados junto com a Penha Circular

HÉLIO EUCLIDES

A favela Marcílio Dias fica distante cerca de 2.300 metros da Praia de Ramos, separada por uma área militar. No Painel covid-19 da Prefeitura, a localidade não é incluída nos dados da Maré. Marcílio Dias tem o seu número do coronavírus atrelado com a Penha Circular, que no dia 02 de setembro contabilizava 479 casos confirmados e 57 mortes.

Não há um número exclusivo do território, a não ser o do Painel dos Invisíveis - mapeamento feito aqui, pelo Maré de Notícias, mas comparado a outras favelas que fazem parte do conjunto das 16 favelas da Maré, o número é pequeno. A Nova Holanda, por exemplo, possui 234 casos, dos 991 casos suspeitos da Maré, enquanto Marcílio Dias relatou 11 casos. Alguns fatores ajudam a entender a situação, como a distância entre a localidade e os equipamentos da Redes da Maré, responsáveis pelo levantamento, assim como a região ser pouco populosa.

O Censo Populacional

Segundo o Censo da Maré de 2013, Marcílio Dias tem 6.342 moradores, distribuídos em 2.248 domicílios. A favela fica entre o Complexo da Marinha e o Mercado São Sebastião, sendo composta por uma avenida, 23 ruas, 23 travessas e 10 becos. Todos os moradores são atendidos pelo pequeno Centro Municipal de Saúde João Cândido, que não oferece atendimento odontológico. Com isso, moradores de Marcílio que precisam de dentista são encaminhados para a Clínica da Família Heitor dos Prazeres, em Brás de Pina.

A favela tem duas equipes de saúde, que estiveram completas no momento crítico da pandemia, tendo um desfalque no mês de julho, com a saída de um médico. **Marcos Ornelas**, coordenador geral de atenção primária da Área Programática 3.1, conta que o CMS João Cândido foi uma das unidades mais tranquilas na pandemia. Ele afirmou que está em fase de seleção de um novo médico e que não há espaço físico, na favela, para a construção de uma unidade maior.

DOUGLAS LOPES



Números da covid-19 em Marcílio Dias são bastante abaixo se comparados a outras favelas da Maré

Um vírus no território

O comerciante **Luciano Aragão** sentiu ausência de fome, cheiro e gosto de alimentos, entre maio e junho. Ele foi ao CMS João Cândido, que verificou pressão, temperatura e respiração, mas não teve a confirmação de covid-19, pois não fez o teste. “Nos 30 dias, tomei sucos de inhame com laranja e beterraba, para aumentar a imunidade. Sinto que o mundo não voltou ao normal, além de a doença estar por aí, o dinheiro diminuiu”, avalia.

“Nos dois primeiros meses, o povo ficava em casa. Hoje, já abandonaram o uso da máscara na favela. Percebo medo, só no pessoal na faixa etária de 40 anos para cima. Alguns não querem nem usar as vans, o que prejudica os motoristas que já sentem a diminuição do número de passageiros”, comenta **Margarete Nunes**, moradora de Marcílio Dias. **Ana Cunha**, presidente da Associação de Moradores de Marcílio Dias, relata que o período de pandemia teve muitos doentes, mas que hoje ocorre um relaxamento da população. Ela garante que não ocorreu falta de água esse ano, o que não prejudicou a higienização das mãos.

Para **Geraldo Oliveira**, coordena-

dor da Biblioteca Comunitária Néli-da Piñon, a pior coisa que aconteceu com a pandemia foi ter de parar todas as atividades. “Foi muito triste ver as crianças sem um espaço para interagir. A população ficou órfã de um lugar de acolhida através da cultura, conhecimento e do saber”, conta. Este ano não serão realizados eventos tradicionais da Biblioteca, como Dia das Crianças e Natal, para evitar aglomerações.

OS NÚMEROS DE SUSPEITOS DE COVID-19

O CMS João Cândido não realizou testagem, mas fez atendimentos de pacientes com sintomas de coronavírus. Vejam os números:

Síndrome gripal:

Abril – 146 casos
Maio – 74 casos
Junho – 22 casos
Julho – 15 casos
Agosto – 4 casos (até o dia 10)

Remoção devido à condição respiratória grave:

Julho – 1 caso
Agosto – 1 caso (até o dia 10)

Usuários monitorados por telefone:

Junho – 87 pacientes
Julho – 23 pacientes
Agosto – 12 pacientes (até o dia 10)

O anormal novo normal

A flexibilização não significa relaxamento nem o fim da pandemia

HÉLIO EUCLIDES

Tem dias que acordamos e não estamos para conversa, tampouco para visitas. Mas sem esperar chega aquela pessoa inconveniente, que deixa a gente mais desanimado e não tem hora para ir embora. Quem “chutou” que o nome do chato é covid-19, acertou em cheio. Este personagem, que assombra 2020, insiste em permanecer em nossas vidas, por isso é necessário não baixar a guarda e continuar com os cuidados de prevenção. Porém, ao andar pelas ruas da cidade e, principalmente na Maré, parece que tudo já voltou ao normal, mas o vírus é invisível e continua a se espalhar.

O mês de agosto começou com um alerta. O Boletim do Observatório Fiocruz covid-19, que analisou a primeira quinzena do mês, mostra que os casos diários de covid-19 no estado do Rio de Janeiro invertiram a tendência e voltaram a subir 8,4% em relação ao mês de julho. Nos dias 20 e 21 de agosto, a média móvel apontou tendência de alta das mortes. No dia 20, foram registradas 128 mortes, o que elevou a média móvel de mortes diárias para 99 óbitos. Na comparação com o início do mês, houve um aumento de 35%. Para saber a média móvel, basta somar o número de novos casos ou mortes dos últimos 7 dias e dividir por 7. Segundo dados da Secretaria de Estado de Saúde, o estado tem no dia 02 de setembro mais de 16,3 mil óbitos e mais de 228,3 mil casos confirmados.

O grande receio é a publicação de Decreto do governo do Rio de Janeiro, que traz normas para uma nova fase de reabertura da economia. Entre as medidas, está a liberação de funcionamento de cinemas e teatros em regiões onde o risco é considerado baixo há pelo menos duas semanas seguidas. A norma depende, no entanto, das prefeituras. O Decreto também prevê a volta às aulas presenciais.

Uma Maré sem máscaras

Por meio do Decreto nº 47.375, de 18 de abril, a Prefeitura tornou obrigatório o uso de máscara facial para quem sair às ruas e circular nos estabelecimentos abertos ao público ou nos meios de transportes públicos ou privados da cidade. Na Maré, os comércios fixaram cartazes sobre a necessidade do uso da máscara. **Graça Nascimento**, de 66 anos, moradora da Vila dos Pinheiros, enquadra-se no grupo de risco e vê o uso da máscara muito importante. “Sempre uso a máscara, é uma proteção, pois estou na 3ª idade e tenho diabetes”, conta. Para **Luciene Brito**, de 37 anos, moradora do Parque União, o acessório precisa virar parte do vestuário. “Usar máscara precisa virar um costume de vida. Eu me protejo e ao meu filho. Já vi casos de doenças e até morte no meu trabalho. O problema é que poucos usam máscara nas ruas”, diz.

“Esta doença não está de brincadeira. Todos da minha família se cuidam,

BOLETIM DE OLHO NO CORONA!

Novos casos confirmados de Covid-19 por semana na Maré



Número semanal de moradores da Maré com suspeita de Covid-19, sem acesso a teste ou diagnóstico, segundo o “De Olho no Corona!”



Números de casos confirmados e sob suspeita de covid-19 na Maré

fazem a higienização, sempre. Só saio para fazer as compras com máscara e quando chego lavo bem as frutas e legumes”, diz **Romilda Santos**, de 71 anos, moradora da Vila dos Pinheiros. Já **Luana Ramos**, de 30 anos, moradora do Parque União, além de proteção, integra a máscara ao seu estilo de vestir. “A máscara é um acessório, tem que combinar com a tiara e a roupa. Protejo-me ao máximo, pois tenho filho e idosos em casa. Estou fazendo a minha parte, pois o povo

não está nem aí”, conclui.

Ficar em casa é a principal medida para reduzir a velocidade de transmissão do coronavírus. Mas, fora deste ambiente, alguns espaços podem representar maior ou menor risco de contágio da covid-19. Para compras em supermercados, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda higienizar as alças dos carrinhos de compras ou cestas, antes do uso. Também lavar bem as mãos após chegar em casa e depois de manusear e armazenar os

A SOBREVIVÊNCIA DO CORONAVÍRUS



NO AR
3 HORAS



NO PAPELÃO
UM DIA



NO PLÁSTICO
DE 2 A 3 DIAS



NO AÇO
DE 2 A 3 DIAS

Fonte: The New England Journal of Medicine

COVID-19

Escala de perigo de infecção



É muito importante manter os cuidados na rua. Lembre-se sempre de:

- Lavar as mãos com água e sabão
- Usar máscaras
- Tentar manter o distanciamento de pelo menos 1,5 metro
- Evitar tocar olhos, nariz e a boca com as mãos sem lavá-las
- Higienizar as mãos com álcool em gel, frequentemente, ao sair
- Limpar e desinfetar objetos e superfícies que as pessoas tocam com muita frequência.

tes. Isso porque a baixa circulação de ar faz com que o vírus tenha mais facilidade de se transmitir. Já em locais abertos, como as feiras livres, o risco é menor, pois o ar circula mais fácil”, expõe.

O pesquisador percebe que há um desafio nos registros oficiais dos números de infectados e mortes. “A questão do endereço usado pelas pessoas das comunidades muitas vezes não consta nos registros dos Correios ou do município, por isso não identifica que o caso é daquele local. Nisso, os dados extraoficiais podem ajudar muito”, diz. Ele também defende as ações comunitárias. “Nas comunidades, é valioso se montar uma espécie de vitrine virtual, onde os comerciantes podem divulgar os seus produtos. A partir daí, a pessoa faz o pedido e vai aos pequenos centros comerciais só para pegar as compras”, conta. Marcelo acredita que seria uma proteção para os clientes, comerciantes e a diminuição dos impactos econômicos.

Para **Nathália Mendes**, jornalista, nascida e criada no Vidigal, é preci-

so que haja ações do poder público nas favelas. “Lutamos pela Lei nº 6.760/20, que estabelece um programa municipal contra o coronavírus. A proposta é a contenção da doença e um auxílio aos moradores das favelas para diminuir os impactos financeiros. Não podemos ficar parados, é preciso lutar pela população mais vulnerável”, avalia.

Os casos e óbitos nas favelas

Para coletar e divulgar dados sobre o alcance da covid-19 nas favelas do Rio de Janeiro, devido à insuficiência de testes e de dados públicos adequados, na percepção das entidades envolvidas, foi criado o Painel Unificador covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa cidadã, cujas fontes são uma rede confiável de mobilizadores, organizações e comunicadores de favela, além de dados públicos. A partir do Painel, é possível identificar a diferença entre os números registrados pela Prefeitura e pelas organizações locais.

Um vírus ainda presente

Marcelo Gomes, pesquisador em saúde pública no Programa de Computação Científica da Fiocruz, acredita que o vírus ainda está presente e que é fundamental manter o uso de máscara, a higienização e o distanciamento. Ele entende quem está frustrado com tanto tempo de distanciamento e que as autoridades têm um papel fundamental em dar condições e passar informações precisas para que a população entenda os riscos. “Do contrário, não podemos colocar a culpa em quem não está seguindo as recomendações. Só começou a diminuir os casos, porque a população fez a sua parte. Se a gente volta a se expor, volta a subir”, diz.

Há várias semanas o InfoGripe vem alertando que há sinais de que o novo coronavírus no estado não está mais em queda. “Infelizmente, parece que essa mensagem não tem sido levada em conta”, destaca o pesquisador. Para ele, a proximidade pode facilitar a transmissão. “Locais pouco arejados e de grande circulação de pessoas, como ônibus e centros comerciais estreitos e pequenos mercados muito frequentados, são os mais preocupan-

Veja a comparação dos Painéis COVID-19 da Prefeitura e do Unificador de Favelas (02 de setembro):

LOCALIDADE	Painel da Prefeitura do Rio		Painel Unificador de Favelas	
	CASOS	MORTES	CASOS	MORTES
Maré	555	92	1.643	126
Rocinha	372	49	366	62
Manguinhos	294	37	288	49
Vidigal	138	17	356	16
Jacarezinho	77	13	143	15
Complexo do Alemão	19	04	444	38

Um socorro para a Maré

Projeto-piloto desenvolve ações para driblar a expansão da covid-19 no território

HÉLIO EUCLIDES

Mesmo com a reabertura da cidade e especulações da volta às aulas, o novo coronavírus segue fazendo vítimas: as favelas e bairros periféricos sofrem com contágio e mortes. Na Maré, o Painel Rio covid-19, da Prefeitura do Rio, trazia 583 casos e 92 mortes na noite de 02 de setembro. Com os dados da 17ª edição do Boletim *De Olho no Corona!*, o conjunto de favelas possuía 1.086 moradores com suspeita da doença e 34 mortes causadas pela covid-19. Assim, a Maré tem, entre confirmados e suspeitos, 1.616 casos e 124 mortes por coronavírus. É um dado preocupante, pois os números no território continuam subindo, apesar de a imprensa divulgar uma queda no Estado como um todo.

Para reverter essa situação, foi desenvolvido o Co-

nexão Saúde - De olho na COVID, projeto-piloto que será implementado na Maré e em Manguinhos, visando combater o novo coronavírus nestes territórios. O projeto, lançado no dia 19 de agosto, irá atuar por meio de ações, como telemedicina, testagem, pesquisa e um centro de isolamento para atenção integral. A ação é uma parceria das instituições Centro Comunitário Manguinhos, Cruz Vermelha, Dados do Bem, Estáter, Fiocruz, Redes da Maré, SAS Brasil, Todos Pela Saúde e União Rio.

Ações para combate

A primeira ação já foi iniciada, com atendimento *on-line* feito por médicos e psicólogos. “Por conta da pandemia, foi iniciado a telemedicina no Alemão, para as pessoas que, com receio, ficaram sem acesso a outras

DOUGLAS LOPES



Lideranças da Maré, Manguinhos e instituições têm feito ações de prevenção e cuidados contra o coronavírus

especialidades. No Alemão, 97% dos atendimentos foram resolvidos pelo telefone e outros 3% encaminhados para unidades. Agora é a vez de Manguinhos e Maré. O morador manda no WhatsApp uma mensagem, é feita uma triagem e depois o médico liga para a pessoa”, diz **Luna Arouca**, coordenadora do *Espaço Normal* e do Boletim *De Olho no Corona!*

Para realizar o serviço, a SAS Brasil tem uma equipe de 70 médicos e mais de três especialidades. **Sabine Zink**, diretora da SAS Brasil, explica que o atendimento será completo, não apenas para os casos de covid-19. “Para o paciente, é um médico no WhatsApp. Estamos conversando com as clínicas das famílias e com a UPA, para somar esforços nesta crise de saúde que estamos vivendo. A ideia é que a gente fique quatro meses [atuando no território]”, comenta. O projeto já está em funcionamento com bastante procura.

A segunda ação são as testagens. Ela nasce da articulação do aplicativo *Dados do Bem* na coleta, com a parceria da Fiocruz no cruzamento de dados. “A ideia é começar com 80 testes

por dia com os sintomáticos, entre o 2º e 9º dia da doença. Com o resultado positivo, é indicado o isolamento e o teste pode ser estendido para até 5 pessoas que o paciente teve contato”, detalha Luna. O local usado como base para os diagnósticos será o Galpão Ritma, na Rua Teixeira Ribeiro, nº 521, na Nova Maré.

Para realizar a testagem, a pessoa precisa, inicialmente, apresentar os sintomas da covid-19. A partir disso, é necessário baixar o aplicativo do Dados do Bem no Google Play (sistema Android) ou na App Store (sistema iOS/iPhone), responder às perguntas e, caso esteja dentro dos critérios, a pessoa é agendada para fazer o teste.

Já a terceira ação vai ser um programa de isolamento na Maré para as pessoas que testarem positivo para covid-19, que vai contar com acompanhamento médico e entrega de insumos para melhorar as condições do isolamento. Além de cuidar desse paciente, a proposta é auxiliar as famílias que têm membros com covid-19 a permanecerem em casa durante o período de isolamento.

CONEXÃO SAÚDE
DE OLHO NA COVID
NA MARÉ!

Moradores da Maré agora tem acesso a testes gratuitos de coronavírus, telemedicina e apoio para isolamento seguro.

TESTAGEM:

Para fazer o teste: baixe o aplicativo Dados do Bem no celular, preencha seus sintomas e outras informações solicitadas, permita o envio de notificações e confira se você precisa ou não fazer o teste.

Se tiver dificuldades para baixar o aplicativo, entre em contato com (21) 99924-6462.

TÁ COM COVID?

Uma equipe dará orientações sobre isolamento seguro e outros produtos para os cuidados durante a recuperação

Para mais informações (21) 99924-6462.

TELEMEDICINA

Consultas médicas gratuitas sem sair de casa!

Você pode ter consultas com clínico geral, cardiologistas, ginecologistas, psicólogos e outras especialidades por WhatsApp - mesmo que você não tenha covid.

Para marcar, envie mensagem para: (21) 99271-0554
(o número não aceita ligações)

Racializar¹ a pandemia: políticas de vida, de morte e reinauguração de mundos

“Exu matou um pássaro ontem, com a pedra que arremessou hoje.” (Provérbio Iorubá)



PÂMELA CARVALHO

Educadora, historiadora, pesquisadora ativista das relações raciais e de gênero e dos direitos de populações de favelas. Mestra em Educação pelo PPGE/UFRI, fundadora do Quilombo Etu e coordenadora do eixo “Arte, Cultura, Memórias e Identidades” da Redes da Maré.

Exu é aquele que abre caminhos, que subverte a lógica cartesiana de tempo/espaço e de erro/acerto; a dimensão interpretativa que nos permite reinaugar acontecimentos e ter na encruzilhada o ponto de convergência entre saberes e práticas. A Casa Preta da Maré surge nesta encruzilhada. Exu reinventa passados; a Casa Preta também. Disputando e construindo narrativas sobre e com as populações negras no Brasil e especialmente na Maré.

É a reinauguração do passado que permite a construção de novos presentes e de outros futuros. A produção de conhecimento, a visibilização de produções intelectuais e a difusão de saberes centrados em experiências negras são essenciais neste sentido. Escrever é um ato político. Escrever a “história negra” em primeira pessoa é uma urgência.

Vivemos um quadro político, econômico e sanitário não visto antes na contemporaneidade.

E assim como em outros momentos que marcam a nossa “história hegemônica”, são observados movimentos de apagamento de indivíduos negros, bem como de suas demandas e narrativas. Uma pandemia apresenta diversas mortes. O racismo apresenta apagamento. Assim, é essencial *racializar a pandemia*.

Entre os 10% da população com maior rendimento por pessoa, 70,6% são brancos e 27,7% negros. Observando os 10% mais pobres da população brasileira, esta equação se inverte: 75,2% são negros e 23,7% brancos. A população negra tem menos acesso a saneamento básico e maior taxa de desemprego.

O racismo é um fator que determina quem vive e quem morre. Pessoas negras têm 2.7 mais chances de serem vítimas de assassinato do que pessoas brancas, segundo o informativo “Desigualdades Sociais

por Cor ou Raça no Brasil”, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019. É um fato: um indivíduo negro brasileiro tem mais chances de morrer do que um indivíduo branco. Nos atestados de óbito, não temos “racismo” como causa determinante da morte,

BOLETIM DE OLHO NO CORONA!



mas podemos afirmar que o racismo mata.

Com a pandemia da covid-19, o racismo como determinante de vida e de morte continua a impor uma lógica perversa. A cada 3,1 internações de pessoas pretas e pardas há 1 morte, segundo análise feita pela Agência Pública com base nos boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde. Já nas hospitalizações entre pessoas brancas, há 1 morte a cada 4,4 pessoas. Os números – que na verdade são nomes, corpos, histórias e vidas – demonstram que a morte como instru-

mento político faz mais vítimas negras.

Podemos afirmar que a Maré é um território negro, de dimensões urbanas. Entre os quase 140 mil moradores, 62,1% são negros (pretos ou pardos), segundo dados do Censo

Populacional da Maré. Na Campanha *Maré diz Não ao Coronavírus*, a Redes da Maré alcançou 16.796 famílias no conjunto de 16 favelas da Maré. Entre as pessoas responsáveis pelo núcleo familiar que informaram raça ou cor, 74,9% (7.110) são negras (pretas e pardas); 24,5% brancas (2.329); 0,5% amarelas (43); e 0,1% indígenas (12).

Assim como Exu, tais dados nos apontam múltiplas interpretações. Podemos inferir que são as populações negras que se encontram em maior vulnerabilidade nas favelas, em especial na Maré. Podemos também entender que justamente por causa desta vulnerabilidade histórica, é necessário criar políticas públicas para a redução das desigualdades raciais e a favor da vida para pessoas pretas, para, no caminho de Exu, reinaugar o mundo e combater as políticas de morte perpetradas pelo racismo ao longo dos tempos.



62,1%
dos moradores da Maré foram
declarados como pretos ou pardos

Fonte: Censo Populacional da Maré 2019

¹ “Racialização ou etnização é o processo de atribuir identidades raciais ou étnicas a um relacionamento, prática social ou grupo que não se identificou como tal.”

² O governo federal divulgou os números (com indicação de raça e cor) contabilizados apenas até 26/04/2020.

Delícias que cabem no bolso

Que tal aproveitar o fim de tarde para preparar alguns biscoitos amanteigados? Além de muito gostosos, eles são fáceis de fazer e agradam a todos os gostos!

BISCOITO AMANTEIGADO

Ingredientes:

- 200 g de amido de milho
- 100 g de farinha de trigo
- 100 g de açúcar
- 200 g de margarina

Preparo:

1. Retire a margarina da geladeira para que ela fique em temperatura ambiente.
2. Coloque todos os ingredientes em uma tigela e misture com as mãos até obter uma massa.
3. Se perceber que a massa está mole, coloque na geladeira por 30 minutos.
4. Abra a massa e corte no formato que desejar, usando um cortador ou uma faca.
5. Coloque os biscoitos em uma forma e leve ao forno preaquecido a 180 °C, de 10-15 minutos ou até perceber que estão dourados.

PALAVRAS CRUZADAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Ouros e copas	↓	O CD dos micros (Inform.)	A morada dos sapos	↓	Aginaldo Timóteo, cantor	"Esau e (?)", de Machado de Assis	Atividades comuns de ordens religiosas	↓	Atividade como a Música
Ave-símbolo do Brasil	→								
	↖						Digrafo de "barro"	→	
Pequena flor ornamental			Estado natal de Renato Aragão		Bate-papo on-line				
Pedro Malta, ator	→				Pastosa				
Parte flexível do cotonete		Fruto tropical	→				No caso de Açude do Ceará	→	
	↘			Sílaba de "fútil"		Orlando Drummond, humorista			Vogais de "calo"
Local de circulação de trens	→								
Menor flexão verbal (Gram.)	→	Bebida cubana	→			O bambu, por seu interior	→		
	↖	A mobília campestre							Roedor que constrói barragens
Quando não acerta			Siderúrgica de Volta Redonda (sigla)	→	Atreva-se			Roberto Carlos: o Rei da MPB	→
Deixa escorrer	→				Gentil; educado				
Balcão da igreja							Louça do banheiro	→	
	↘					Síndrome do HIV	→		
Que tem partes da face salientes			Tecnologia (abrev.)	→				Uma Thurman, atriz	→
	↘								
Cristais de banho	→					Fazer parar; deter	→		

BANCO 3/csn. 4/chat. 5/escora — haste. 7/rústica — violeta.



atendimento on-line
redes da maré

AQUI VOCÊ FICA SABENDO COMO:

- funcionam as nossas ações e projetos
- ser atendido pelo Maré de Direitos (por advogada, psicóloga e assistente social)
- resolver suas dúvidas sobre a campanha
- ser um doador e fazer parte!

ENVIE SUA MENSAGEM DE TEXTO VIA WHATSAPP:

(21) 99924-6462

Você será atendido pelo mesmo caminho. Este número não aceita ligações.

WWW.REDESDAMARE.ORG.BR / REDESDAMARE



Solução

R	E	V	S	I	V	S			
O	D	H	E	C	H	C	O	B	
I	V	C	T	E	I	H			
S	D	A	V	A	T	A	V		
I	P	I	A	S	C	O	S	E	
C	N	S	C	N	W				
A	S	O	V	A	R	A			
O	O	W	R	U	E				
O	D	R	E	I	V	A			
E	S	O	C	C	E				
T	H	C	J	W	P				
R	R	A	T	L	O				
V	A	J	A	V	A				
O			B	N					

Acompanhe o Maré de Notícias na internet!

@maredenoticiasoficial

@maredenoticias

@MareNoticias

(21) 97271-9410

contato@maredenoticias.com.br

www.mareonline.com.br